

CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO NO PROCESSO DE ENSINAR GEOGRAFIA ATRAVÉS DA CATEGORIA LUGAR NA SALA DE AULA

Murilo Alex Rosa¹
Marilene Dantas Cruz Marinho²
Odelfa Rosa³

RESUMO

O presente trabalho visa discutir a importância da Categoria Lugar no processo de ensino-aprendizagem em sala de aula, trazendo importantes considerações sobre esse conceito na vida do aluno, bem como suas relações interpessoais, suas vivências cotidianas, e principalmente compreender a Ciência Geográfica. O objeto de estudo partir da intimidade/afetividade com o lugar. O trabalho é estruturado por procedimentos que proporcionam a produção do conhecimento, tendo como ponto de partida um levantamento teórico-bibliográfico referente ao tema que buscou oferecer suporte conceitual e consistente para a elaboração do mesmo. A metodologia consiste em pesquisa teórica sobre o ensino de geografia, pautados na Categoria Lugar mostrando a importância de ensinar geografia a partir do vivido do aluno. Primeiramente o artigo apresenta um breve histórico sobre a institucionalização da Geografia no século XIX e para compreender os conteúdo e conceitos geográficos, dando destaque a Categoria Lugar, faz-se necessário o uso de diferentes linguagens ou recursos alternativos nos espaços educativos. Nesse sentido, o exposto, objetiva-se articular quais as contribuições da categoria Lugar para o conhecimento da Geografia, e quais são as metodologias mais adequadas, abordadas em sala de aula que são pertinentes para o processo de compreensão da mesma. A partir da vivência a campo, o resultado que se tem, é que o espaço é mutável, o homem que o transforma, essas transformações sócioespaciais são para atender as demandas do capital, como ele se apropria e se reestrutura a ponto de segregar pessoas através de um processo chamado de desterritorialização.

Palavras-chave: Ensino-Aprendizagem; Sala de Aula; Ciência Geográfica; Categoria Lugar

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, a Geografia passou por grandes transformações epistemológicas, no qual, imprimiu novos rumos aos conhecimentos na ciência geográfica. Podemos destacar, por exemplo, a Geografia Crítica na década de 1970, que adquiriu de certa forma, caráter diferenciado com propostas e método, em que os sujeitos passaram a fazer parte do conhecimento de forma direta em sua análise e interpretações da produção socioespacial.

¹ Mestrando do Curso de Geografia da Universidade Federal de Goiás Regional Catalão – UFG/RC, alex_anhg@hotmail.com

² Mestranda do Curso de Geografia da Universidade Federal de Goiás Regional Catalão – UFG/RC, marilenedantascruzmarinho@gmail.com;

³ Professora Orientadora: Graduada pela Universidade Federal de Santa Maria UFSM/RS; Mestre pela Universidade Estadual Paulista de Presidente Prudente/Unesp e Doutora pela Universidade Federal de Uberlândia/UFU, rosaodelfa@gmail.com.

Diferentes mudanças ocorridas na Geografia são inerentes ao surgimento da Geografia Crítica Marxista, que surge entre os anos 1960 e a década de 1970, estabelecendo novos paradigmas ao pensamento geográfico devido ao desenvolvimento da teoria crítica envolvendo o conhecimento geográfico. Em razão disso, o Materialismo Histórico Dialético surge enquanto método, evidenciando a relação sujeito-objeto, pois os dois são paralelos no entendimento da totalidade.

A Geografia determina cinco categorias de análise, sendo elas: Espaço, Território, Lugar, Região e Paisagem, essas juntas constituem-se na particularização da atuação humana com a transformação do planeta. Concomitantemente dentro das categorias há os conceitos que são associados para fazer essa relação. Isso resulta de acordo com a visão que cada indivíduo tem do mundo, de culturas e suas particularidades.

O lugar é um conceito interessante dentro da Geografia, pois, o lugar passa a ser referencial na construção do pensamento espacial, portanto essa categoria pode nos permitir compreender a totalidade através de uma dada fragmentação do espaço. A paisagem e o território aparecem como Categorias podem vir a ser indispensáveis devido a vivência do homem levando em consideração determinados lugares. O conceito de região tem várias definições, porém, tal categoria, representa um fragmento superfície da Terra cuja tem diferentes critérios e razões para defini-la.

Por último temos o espaço que traz o significado do vivido, essa categoria passou a fazer parte da Geografia no final do século XIX. Pode-se dizer que antes disso, o espaço não era considerado como categoria chave, da mesma forma como passou a ser depois do século referido. De acordo com Milton Santos, em sua obra *Natureza do Espaço* (1996), a Geografia é rica em seu conteúdo, sendo seu objeto de estudo, o espaço geográfico, e seu campo de abrangência. Desta forma, na ótica educativa, professores precisam interagir conhecimentos e metodologias para tentar compreender a realidade do aluno, bem como a Geografia que queremos trabalhar em sala de aula. É preciso abranger o ensino de Geografia como importante na formação da cidadania, partindo do espaço que nos cercam, enfatizado assim, pelo lugar de vivência e experienciado.

METODOLOGIA

Na perspectiva de ter um resultado satisfatório busca pela verdade de maneira positiva e gradual ocorrendo primeiramente no mundo das ideias e posteriormente nos demais campos da vida. Nesse sentido, o método que traz a abordagem da pesquisa em questão é o método

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

qualitativo, que nos permitem interpretar, analisar e compreender os fenômenos de forma mais eficaz.

Nesse contexto, este trabalho tenciona discorrer, em virtude de diferentes possibilidades de deixar o ambiente escolar atrativo, bem como os conteúdos de Geografia, que destaque a Categoria Lugar. Relaciona-se teoria e prática para proporcionar ao aluno, trabalhar de acordo com suas experiências de vida, tornando o ensino desses estudos geográficos interessantes.

Para tanto, se pensou nessa metodologia, pelo qual perpassaram entre diálogos no programa de mestrado, levando em consideração as contribuições dos professores que compõe o Programa, principalmente, das ponderações da orientadora Odelfa Rosa que evidenciou-se os desafios encontrados nos espaços educativos, bem como, os conceitos e características da Geografia, sobretudo, as definições e materializações de seus fenômenos.

É nesse caminho que em primeiro lugar houve a necessidade de realizar uma pesquisa teórica aprofundada para trazer a essência do assunto em questão. Para a construção de uma pesquisa, há a necessidade do domínio do conteúdo teórico e conceitual por meio de leituras específicas.

UM BREVE HISTÓRICO DA CIÊNCIA GEOGRÁFICA

Através das leituras, discussões e interpretações, entende-se que, o conhecimento geográfico, não deva ser entendido de modo compartimentado, portanto, é de nosso conhecimento que a configuração das denominadas Correntes do Pensamento Geográfico, contribui para que possamos compreender o desenvolvimento do conhecimento em cada momento histórico, a construção do pensamento geográfico e os desdobramentos que culminaram na sua consolidação enquanto ciência e disciplina.

De acordo com Moreira (2012), em sua obra *Para onde vai o pensamento geográfico?* A Ciência Geográfica apresenta uma epistemologia crítica, nesse sentido, portanto, o termo epistemologia, não pode ser empregado e compreendido de qualquer forma, pelo fato do mesmo apresentar um grande teor de criticidade sobre os efeitos contidos no espaço. Nessa perspectiva, Gomes (1996) também assegura que:

Podemos de forma muito geral dizer assim que a epistemologia é um campo crítico de discussões epistemológicas dizem respeito antes de mais nada aos métodos, aos objetos e as finalidades de um conhecimento científico (GOMES, 1996, p. 14).

Contudo, relacionar a epistemologia com a geografia, não seria adotar um caminho pronto e acabado, pela qual a Geografia deve ser pensada. A abordagem geográfica está pautada no método, na sua natureza e em suas finalidades que, de acordo com Gomes (1996), podem-se considerar a geografia como uma ciência viva, dinâmica, aberta e plural.

A construção do pensamento geográfico tem sua gênese no império grego, através das representações cartográficas, passando por um período de pouca expressão no que diz respeito à produção de novos conhecimentos. Em momento posterior, pode ser considerado como segundo momento, o contexto alemão, que representa expressividade no que tange a produção de conhecimento e também, resultando na institucionalização da Geografia como ciência no século XIX, a partir dos trabalhos de Humboldt e Ritter.

A partir da Revolução Industrial ocorrida no século XVIII, o conhecimento geográfico toma diferentes proporções devido à necessidade de se conhecer novos lugares a fim de garantir recursos naturais e econômicos para o desenvolvimento de países europeus. Neste sentido, a Geografia apresenta-se como um aparato instrumental e ideológico, ganha força e ao lado de outras ciências. Faz-se menção a sua institucionalização ocorrida na Alemanha no fim do século XIX, através das importantes contribuições Alexander Von Humboldt e Karl Ritter, a Geografia pôde se estabelecer sobre fundamentos científicos, no qual, passa a deixar de ser descrições do planeta para se tornar ciência com bases investigativas da relação natureza-sociedade.

O século XIX fora marcante para a Geografia, não só pela institucionalização enquanto ciência, mas também era reconhecida como disciplina obrigatória nos programas de ensino primário e secundário. Nesse sentido Leonel (1985), destaca que:

É importante lembrar que o aparecimento do saber institucionalizado da Geografia, data de pouco mais que um século que a época de seu nascimento, isto é, final do século XIX e começo do século XX, se vincula à vertente oposta àquela da escalada do capitalismo que corresponde à sua fase progressiva, o que vale dizer que sua origem é ideológica, no qual o saber só tem existência institucional enquanto instrumento de dominação de uma classe (LEONEL, 1985, p. 10).

Após ser institucionalizada, foi propiciada a Geografia o surgimento das escolas nacionais e com elas, as denominadas escolas do pensamento geográfico. As formas pensadas à disciplina geográfica em cada momento histórico foram estas denominadas como paradigmas geográficos, destacando-se o Determinismo, o Possibilíssimo, o Método Regional, a Nova Geografia e a Geografia crítica mais recentemente.

Conforme Corrêa (1995), o pensador e geógrafo conhecido como Friedrich Ratzel, defende a ideia de que o meio exercia influência sobre o homem. A esse respeito Corrêa 1995, assegura que:

Foi o determinismo ambiental o primeiro paradigma a caracterizar a Geografia que emerge no final do século XIX, com a passagem do capitalismo concorrencial para uma fase monopolista e imperialista. Seus defensores afirmam que as condições naturais, especialmente as climáticas, e dentro delas a variação da temperatura ao longo das estações do ano, determinava o comportamento do homem, interferindo na sua capacidade de progredir. Cresceriam aqueles países ou povos que estivessem localizados em áreas climáticas mais propícias (CORRÊA, 1995, p. 9).

Era decisivo para evolução do homem, o paradigma geográfico denominado Determinismo Ambiental, entretanto, Vidal de La Blache, que configurou-se como um dos responsáveis pelo surgimento da Geografia na França, teve impacto pelo surgimento do Possibilismo, no qual se coloca contra tais ideias deterministas. Segundo Corrêa (1986), para os possibilistas, o homem, que tinha a possibilidade de modificar o meio para obter uma melhor forma de vida e isso ocorre com a sucessão de diferentes sociedades no tempo.

Andrade (1989), afirma que:

[...] Assim, ao desenvolver na França o estudo dos gêneros de vida, Vidal de La Blache, o famoso chefe da escola francesa, procurou trazer aos que exerciam poder político e econômico, a ideia de como viviam as populações atrasadas das colônias e, em consequência, facilitar o desenvolvimento de técnicas de persuasão das mesmas. Os trabalhos geográficos se transformaram em armas que facilitariam a penetração do capital no meio colonial, promovendo a formação de cidades e forçando as populações que viviam em um estágio comunitário a entrar na economia monetária de consumo [...] (ANDRADE, 1989, p.17).

Vale ressaltar, que a citação acima, mostra como que o Possibilismo se materializava no espaço, a fim de atender as necessidades do capital.

A terceira corrente do pensamento geográfico, que ficou conhecida como método regional, teve suas bases desenvolvidas por Richard Hartshorne. Como aponta Corrêa (1986), a diferenciação de áreas não é vista a partir das relações entre o homem e a natureza, mas sim da integração de fenômenos heterogêneos em uma dada porção da superfície terrestre (CORRÊA 1986, p.14).

Os geógrafos da Nova Geografia passaram a desenvolver técnicas quantitativas e trabalhos através da dedução lógico/matemática e da probabilidade, permitindo uma definição

que contribuiu para análises da realidade e marginalizou métodos empíricos/dedutivos do passado. Porém, esse método apresentou alguns problemas, pois os fenômenos geográficos são complexos em suas causas e a partir disto, os geógrafos passaram a entender a Geografia como ciência social, buscando métodos mais adequados métodos que puderam explicar de acordo com as necessidades enquanto os fenômenos da sociedade. É nesse contexto que surge a Geografia Crítica.

De forma perspicaz, a Geografia Crítica busca explicar e compreender as causas dos fenômenos e não somente descrevê-los, pois por meio destes fenômenos é possível chegar às transformações sociais. Com isto, altera-se o método de abordagem para o dialético, retomando as bases marxistas e utilizando o materialismo histórico dialético. Como destaque desta corrente, temos, por exemplo Yves Lacoste, o Filósofo e sociólogo Henri Lefebvre e o geógrafo David Harvey. No Brasil, temos o geógrafo Milton Santos que é um expoente da geografia crítica brasileira.

A Geografia Fenomenológica pauta-se nas relações do espaço vivido, relacionada com os aspectos culturais, sendo um de seus representantes Yi-Fu Tuan. Sobre o lugar e suas marcas de vivências, Santos (1988), destaca que:

Vale, então, a pena retomar o debate sobre se a geografia seria então uma ciência dos lugares, como há quase um século já nos dizia Vidal de La Blache, ou se apenas seria uma ciência dos homens. Parece-nos que ,hoje, a geografia tende a ser cada vez mais a ciência dos lugares criados ou reformados para atender a determinadas funções, ainda que a forma como os homens se inserem nessa configuração territorial seja ligada, inseparavelmente, à história do presente. Se os lugares podem, esquematicamente, permanecer os mesmos, as situações mudam. A história atribui funções diferentes ao mesmo lugar. O lugar é um conjunto de objetos que têm autonomia de existência pelas coisas que o formam - ruas, edifícios, canalizações, indústrias, empresas, restaurantes, eletrificação, calçamentos, mas que não têm autonomia de significação, pois todos os dias novas funções substituem as antigas, novas funções se impõem e se exercem (SANTOS, 1988, p.18).

Ao reimprimir destaque a Geografia Crítica no Brasil, Milton Santos reitera em seus estudos e utiliza categorias de análise como lugar, paisagem, região espaço que para Santos (2012) é um sistema de objetos e sistema de ações, e território, como posterior ao espaço.

**CATEGORIA LUGAR NA CONSTRUÇÃO DOS CONHECIMENTOS
GEOGRÁFICOS**

A Ciência Geográfica lida, entre outras coisas, com as relações sociais, ambientais, culturais, econômicas e políticas. Compreender as espacialidades e suas dinâmicas, é uma das funções da Geografia. Tal ciência, destaca cinco categorias de análise, são elas: Espaço, Território, Região, Paisagem e Lugar, que será determinante nesse trabalho para entender a dimensão do mundo e todos os fenômenos que se estabelecem materialmente ou imaterialmente no mesmo, tendo como ponto de partida, daquilo que é particular, para compreender a totalidade: o espaço.

Corroborando com Yi-Fu Tuan (1983), o lugar é uma fragmentação do espaço, que sofrem diferentes transformações ao longo do tempo, embora, esse lugar, determinado como categoria de análise da ciência geográfica pode ser entendido, não somente como uma fonte de localização no espaço, o conceito de Lugar, se encaixa na corrente da geografia, denominada como Geografia Humanística.

Desta forma, os saberes advindos dessa corrente geográfica, é de que o lugar propriamente dito, vai além da afirmação anterior, e pode ser uma ferramenta importante para compreender os processos que se estabelecem no espaço, o Lugar é particular, tem uma relação de intimidade com o indivíduo. Ou seja, a partir da categoria Lugar, podemos conhecer o mundo através da realidade vivenciada. Arelado a essa discussão, Mendonça (2009), destaca que:

A geografia é uma ciência de síntese – a diferença da geografia das outras ciências é que ela integra todos os conhecimentos na apreciação de um lugar (espaço, região, etc.). Em outras palavras, para conhecermos a forma de ser de um espaço é necessário conhecermos todos os elementos que estão presentes e contribuem na fisionomia daquele espaço. A geografia é assim definida como a ciência dos lugares. Era comum também apresentar a geologia, a pedologia, a climatologia, mas também a demografia, a sociologia, a economia, entre outras, como ciências subsidiárias à geografia. Estas disciplinas seriam analíticas, tratariam de um campo fenomênico, ou seja, partiram do questionamento sobre um problema ou de um domínio. A geografia não responde a um problema específico, nem por um tipo de fenômeno, ela trata dos lugares e, portanto, integra todos os conhecimentos que operam naquele espaço. De certa forma, nesse caso a ciência geográfica não tem como papel explicar, mas simplesmente relacionar os campos analíticos advindos de outras disciplinas. Por isso se difundiu a ideia de que a geografia faria uma grande síntese (MENDONÇA, 2009, p.18).

Corroborando com Tuan (1983), existe no Lugar uma sensação de pertencimento, pois é no lugar que obtemos entre outras sensações as de estabilidade e segurança. As experiências com o lugar podem trazer conforto ou desconforto, afetividade ou repulsa, atração ou negação, isso possibilitou ao autor a elaboração dos conceitos topofilia e topofobia.

O Lugar permite uma ampla visão dos fenômenos, tendo em vista que as noções espaciais tornam-se mais eficazes quando tomam como ponto de partida os lugares, ou seja, onde ocorrem as vivências cotidianas e experiências simbólicas. Segundo Milton Santos, Hoje, certamente mais importante que a consciência do lugar é a consciência do mundo, obtida através do lugar (SANTOS, 2005, p. 161). A esse respeito, Santos (2005), assegura que:

Muda o mundo e, ao mesmo tempo, mudam os lugares. Os eventos operam essa ligação entre os lugares e uma história em movimento. O lugar, aliás, define-se como funcionalização do mundo e é por ele (lugar) que o mundo é percebido empiricamente (SANTOS, 2005, p. 158).

Nesse sentido, isso ocorre em virtude da consonância que existe entre espaço, mundo e lugar, levando sempre em consideração que ambos estão interligados, mesmo estando num movimento dialético, e possuindo significados diferentes, embora, um depende do outro para manter-se ativo. Espaço e tempo são indissociáveis pela ciência geográfica, subentende-se, que, o tempo é determinado pelas historicidades/rugosidades e a Geografia tem como objeto de estudo o espaço.

Então, para compreender essa relação, Moreira (2007), em sua obra *O que é Geografia?* afirma que a história é o tempo no espaço e o espaço é a Geografia no tempo, e a Categoria Lugar, se insere nessa dialética pelo fato, de compreendermos os processos e suas transformações a partir do vivido, do percebido, ou seja, da realidade.

Aprender as especificidades do lugar e a sua relevância na formação de cidadãos conhecedores das dinâmicas e demandas do espaço vivido deve ser fator determinante no ensino de Geografia. Helena Callai destaca que:

Compreender o lugar em que vive permite ao sujeito conhecer a sua história e conseguir entender as coisas que ali acontecem. Nenhum lugar é neutro, pelo contrário, é repleto de história e com pessoas historicamente situadas em um espaço maior, mas por hipótese alguma é isolado, independentemente (CALLAI, 2000, p.72).

Nesse mesmo fio condutor, a construção do conhecimento geográfico articulado nas distintas conjunturas, bem como na interação entre as escalas global e local, pode ser concebida pela categoria lugar e do entendimento de que apenas conseguimos compreender o espaço global de forma eficaz, se essa globalidade estiver correlacionada com as experiências no espaço cotidiano, ou seja, no Lugar.

Os saberes geográficos passam a ser elaborados não apenas pelos professores, mas também por estudantes quando se tem a categoria Lugar como base, tendo em vista que as abordagens adotadas serão de espaços repletos de reconhecimento e experiência por parte destes discentes. Dessa maneira, eles podem compreender as proposições feitas em sala e poderão contribuir com as suas experiências do Lugar, pois, o protagonismo do/da aluno/aluna é trazido à tona, no qual, não se trata de um espaço estranho, mas de um lugar de convivência cotidiana. Para ter clareza disso, Cavalcanti (2001), afirma que:

A finalidade de ensinar geografia para crianças e jovens deve ser justamente a de ajudá-los a formar raciocínios e concepções mais articuladas e aprofundadas a respeito do espaço. Trata-se de possibilitar aos alunos a prática de pensar os fatos e acontecimentos enquanto constituídos de múltiplos determinantes (CAVALCANTI, 2001, p.24).

Ponderar sobre o ensino de Geografia e os métodos até então utilizados é deveras importante para entendermos que tipo de viés geográfico está sendo apresentada ao alunado, uma Geografia descritiva, insípida e sem influência alguma para a formação social destes ou uma Geografia viva que reflete a realidade e as demandas desses estudantes.

Cada aluno/aluna é visto como um mundo a ser explorado a partir de momentos singulares, que acontecem durante o percurso de suas vivências, uma vez que são estas vivências que o levam a explorar seu lugar no mesmo instante que é instigado a refletir sobre outras realidades. O ambiente escolar é um local de ampla interação que permite essa troca de conhecimentos em momentos de (des)construção e (re)construção, onde todos são levados a determinados acontecimentos, no qual tendem a resultar em diferentes indagações, no qual, procura-se sanar as curiosidades apresentadas em sala de aula.

Essa relação obtida no contexto escolar transcorre da interação entre o professor enquanto mediador e alunos como protagonistas de seu próprio conhecimento, bem como afirma Castrogiovanni e Costella (2006) ao nos dizer que:

Pensamos ser a alfabetização o resultado da relação que existe entre o professor, que media o processo, o aluno que interage com o professor e com os seus colegas, e a relação de ambos com o conhecimento (CASTROGIOVANNI; COSTELLA, 2006, p. 68).

Assim é construída uma relação de aproximação entre ambas às partes. A escola como espaço de ensino e de construção se torna aos poucos lugar. Lugar este que traz convivências, que apresenta amigos e/ou colegas, podendo representar um ambiente de afetividade, mas,

também de repulsa. A vida cotidiana é entendida como um instrumento de conhecimentos e aprendizagens deve ser aproveitado em sala de aula para compreender o espaço vivido através do Lugar. Nesse sentido, Becker (1993), assegura que:

O conhecimento surge da convivência de cada pessoa. Ela vai aprendendo por tudo o que você vai vivenciando, por intermédio das pessoas de sua convivência, pelos meios de comunicação, de livros, daquilo que vê, percebe e capta (BECKER, 1993, p. 25).

Fazendo ligação com o global, compreendido como relação temporal, o apresenta essa convivência a partir de afetividades, onde a escola torna-se um ambiente de troca de saberes, no qual cada estudante é instigado a compartilhar seus momentos singulares como uma forma de projetar seu “lugar”. Os estudantes relatam seus momentos de afabilidade como também de repulsa, e assim a Geografia possibilita que cada um se (re)construa diante de cada relação espacial expressada. A sala de aula, como se constata, concentra relações de aprendizagem interessantes que fluem, muitas vezes, de situações não planejadas anteriormente, como se o professor agisse por intuição (COSTELLA, 2008, p. 51).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O trabalho permite-nos entender que a Geografia, em sua essência, como disciplina obrigatória de ensino, tem a função de preparar e fazer o aluno a compreender o conjunto de relações que são, concomitantemente, produtos e produtores do espaço por eles vivenciado.

É de suma importância estudar sobre ensino e construção de conhecimento em Geografia, em função da dificuldade que se tem de levar o aluno a entender o espaço, e mais ainda de ver esse entendimento sendo colocado em prática no seu dia a dia, na sua própria realidade como ser modificador do espaço.

Dificuldade, esta, que é perceptível através da experiência como professor regente de turma, no qual, é nessa fase que o aluno, através do trabalho do docente em relação as práticas abordadas pelo mesmo, consiga entender os conceitos de Geografia, porém, não interligam, com sua experiência de vida, o que pode ser determinante na construção de seus saberes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O espaço é modificado cotidianamente pelo homem que o usa e o transforma. As dinâmicas espaciais estão pautadas no tempo, embora espaço-tempo são indissociáveis. A paisagem em relação ao lugar como apresentado neste trabalho, mostrou-se fundamental no processo de interpretação e análises dos acontecimentos no espaço, seja no âmbito material ou imaterial. Nesse sentido, pode-se dizer que a mesma é uma extensão territorial natural ou não.

A percepção da paisagem pode ser concretizada pelos cinco sentidos, que pode nos possibilitar certo entendimento, por exemplo, sobre o processo de segregação sócioespacial nos diferentes lugares. Basta que saibamos, que a percepção é subjetiva e varia de acordo com cada indivíduo.

Contudo, observa-se o quanto o capitalismo é perverso, a ponto de segregar as pessoas causando conflitos, visando o seu lucro. A Geografia a partir da sistematização enquanto ciência, no findar do século XIX, tornou-se uma ciência para analisar e compreender as relações sociais, culturais, políticas, econômicas e ambientais. A partir dessa reflexão, a Ciência Geográfica pretende desvelar faces através de sua experimentação, objetivação e sobretudo, tentando revelar diferentes realidades.

Neste sentido, procura-se difundir entre os estudos geográficos sobre os diferentes métodos de abordagens, seja ele, o Dedutivo, Indutivo, Materialismo Histórico Dialético, Qualitativo, entre outros, sempre embasar em uma categoria geográfica determinada.

Por essas e outras razões que se faz necessário inserir e abordar assuntos que trazem as categorias geográficas com mais afinco nos espaços educativos, bem como adotar critérios de abordagens que facilitem a compreensão dos conceitos geográficos e de mundo através da realidade de vida de cada aluno e suas experiências. Esses métodos podem contribuir para os alunos trilharem novos caminhos, com novos horizontes para enfrentar os possíveis desafios do cotidiano.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. C. de. **Geopolítica do Brasil**. São Paulo: Ática, 1989.

BECKER, Fernando. **A epistemologia do professor**: N. Petrópolis: Vozes. 12. ed. 1993.

CALLAI, Helena Copeti. **Aprendendo a ler o mundo**: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. Cedes, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 227-247, mai/ago. 2000.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, Escola e construção de conhecimento**. São Paulo: Papirus, 2001.

CASTROGIOVANI, Antonio Carlos; COSTELLA, Roselane Zordan. **Brincar e Cartografar com os diferentes mundos geográficos: a alfabetização espacial**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

CORRÊA, R. L. **Região organização espacial**. São Paulo: Ática, 1986.

CORRÊA, R. L. **Espaço: Um conceito-chave da geografia**. In: CASTRO, Iná e outros (Org.). Geografia: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

COSTELLA, Roselane Zordan. O significado da construção do conhecimento geográfico gerado por vivências e por representações espaciais. Tese [Doutorado em Geografia] – Instituto de Geociências, UFRGS. Porto Alegre - RS, 2008.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **Geografia e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

LEONEL, Z. **Geografia: do discurso pedagógico a uma questão anterior a qualquer discussão (crítica à ciência geográfica)**. Dissertação [mestrado em Geografia] Universidade Federal de São Carlos, 1985.

MENDONÇA, Francisco de Assis; et al. Espaço e tempo: **complexidade e desafios do pensar e do fazer geográfico**. Curitiba, 2009.

MOREIRA, Ruy. **Para onde vai o pensamento geográfico?: por uma epistemologia crítica**. 2. ed., 1. reimpr. São Paulo: Contexto, 2012.

MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em Geografia**. São Paulo: Contexto, 2007.

PIRES, M. F. C. **O Materialismo Histórico Dialético e a Educação**. Interface — Comunicação, Saúde, Educação, v.1, n.1, p.83-94, 1997.

SANTOS, Milton. [1996]. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo**. Razão e Emoção. 4. Ed 7ª reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

SANTOS, Milton. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: Edusp, 2005.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado, fundamentos Teórico e metodológico da geografia**. Hucitec. São Paulo 1988.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**: Difel, 1983.